

DROGADIÇÃO SOB A LUZ DA PSICANÁLISE

DE BONA, Claudine M. – debona@hotmail.com (Psicologia/Unibrasil)

Resumo: A drogadição é considerada um problema restritivo e de grande importância por suas repercussões negativas na sociedade e na vida dos indivíduos. Existem diversas hipóteses de diferentes autores sobre a adição. Todavia, o presente artigo procura explorar o assunto pela via psicanalítica. Em tal escopo, o indivíduo, sujeito às normas da sociedade, seria obrigado a renunciar seus impulsos instintuais, e a droga entraria na vida do sujeito como uma substituição, uma compensação pela renúncia da satisfação sexual devida a recalçamento. Outra hipótese para a drogadição seria uma regressão às fases iniciais do desenvolvimento, quando o superego ainda não estava totalmente desenvolvido, na busca pelo prazer inicial. O ego se aliaria ao desejo do id sem o poder inibidor do superego. O desamparo inicial, a introjeção da lei, processos de identificação e subjetivação, e uma passagem não bem sucedida pelo “estádio do espelho” poderiam também ser impulsionadores da drogadição, pois agiriam como que “um espelho quebrado”, que estaria entre um estágio bem sucedido e o estágio impossível dos psicóticos. O fator comum entre as hipóteses é que, em todos os casos, haveria algum tipo de desestabilização do aparelho psíquico e de invasão pulsional. Na drogadição, o que se liga ao autoerotismo é a adição, e não a fantasia que formaria o sintoma, ou seja, ocorre uma fixação na satisfação autoerótica. Na neurose, a drogadição poderia ser uma fragilização da ação do Nome-do-Pai na regulação pulsional, enquanto na psicose, seria a ruptura com o gozo fálico que se instala por meio da forclusão do Nome-do-Pai. A psicanálise possibilita determinar o ponto de desestabilização sintomática da estrutura neurótica, ou psicótica, para que o tratamento seja orientado pela estrutura e não pelo valor patológico da substância em si, o que possibilita um tratamento mais direcionado e eficaz.

Palavras-chave: drogadição, psicanálise, neurose, psicose.

THE PSYCHOANALYSIS OF DRUG ADDICTION

Abstract: Drug addiction is considered a restrictive problem of great importance due to its negative repercussions on society and people's lives. There are many hypotheses from different authors about the issue. However, this manuscript aims to explore the subject under the scope of psychoanalysis. According to it, the individual, subjected to the social norms, would be forced to renounce their instinctual impulses, and drugs would serve as substitutes, a compensation for the renounce to sexual satisfaction induced by repression. Another hypothesis to drug addiction would be a regression to the initial phases of the development, when the superego was not totally developed yet, in the search for the initial pleasure. The ego would ally itself to the desires of the id, without the inhibitor power of the superego. The initial helplessness, the introjections of the law, the process of subjectivity and identification, and a not well succeeded passing by "the mirror's stage" could also be boosters of drug addiction, acting as a "broken mirror" between a neurotic's well succeeded stage and the impossible stage of the psychotics. The common factor among the hypotheses is that there would be some kind of psychic apparatus destabilization and pulsion invasion. In drug dependence what connects itself to autoerotism is the addiction, instead of fantasy which would form the symptom, or else, there is a fixation on autoerotic satisfaction. In neurotics drug addiction could be induced by fragility of the "name of the father" on pulsion regulation, while in psychotics would be a rupture to the phallic pleasure which occurs due to forclusion of "the name of the father". Psychoanalysis allows determining the point of the symptomatic destabilization in neurotic or psychotic structures so that the treatment may be directed by the structure rather than the pathologic value of the drug per se, leading to a more directed and efficient treatment.

Key-words: drug addiction, psychoanalysis, neurosis, psychosis.

A drogadição não é um fenômeno recente na história, todavia, tem se tornado um problema atual restritivo e de grande importância, uma vez que o uso abusivo de substâncias psicoativas aparenta ser crescente com repercussões negativas na sociedade e na vida dos indivíduos.

Muitos estudiosos tentam entender o que leva o indivíduo ao uso abusivo de substâncias mesmo que isso afete sua vida de forma negativa e o que o impele a isso. Este artigo, em especial, procura entender a drogadição sob uma visão psicanalítica.

Freud, em “O mal estar na civilização” (1930), já comentava sobre drogadição. O indivíduo, sujeito a moral da sociedade, seria obrigado a renunciar seus impulsos instintuais. Alguns desejos seriam recalcados por meio da sociedade e do pai simbólico, as proibições do superego, restrições morais e sexuais edipianas. Nesse quadro, a droga seria uma substituição à renúncia da satisfação sexual feita pelo recalçamento, pelo menos na estrutura neurótica. Medida paliativa para suportar as dificuldades da vida, que posteriormente leva ao afastamento da realidade e ao isolamento (Mendonça, 2011).

Os “afasta-tristeza” (narcóticos) diminuem a pressão da realidade, mas justamente tal característica gera grande desperdício de energia que poderia ser usada na melhoria da sorte humana. (Freud, 1930, p. 22).

Nadvorny (2006), todavia, tem uma visão diferente, onde propõe que o álcool e as drogas provocam uma regressão às fases iniciais do desenvolvimento, a busca pelo prazer inicial, sendo que nesta época o superego não estava ainda desenvolvido. Portanto o ego se alia ao desejo do id, sem o poder inibidor do superego.

Para explicar a tendência da dependência em algumas pessoas, Pereira (2011) discorre sobre como o desenvolvimento psíquico do ser humano pode ser traumático para uma criança. O nascimento, desamparo inicial, a introjeção da lei e processos de identificação e subjetivação. O autor também comenta da importância do “estádio do espelho”, de Lacan, para que a criança se descubra nele, forme o simbólico e esteja apta a romper a fusão com sua mãe e que dependentes químicos talvez passem por um espelho quebrado, entre um estágio bem sucedido e o espelho impossível dos psicóticos.

Lima (2014) ressalta a relação entre consumo de substâncias psicoativas e estrutura psíquica, buscando definir critérios de distinção entre os usuários e entre

as modalidades de drogas considerando as condições subjetivas do que desencadeou a adição e visando direcionar o tratamento baseado em diagnóstico diferencial. O autor ainda assinala a importância do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose na drogadição.

Lima (2014) discorre sobre a causalidade do abuso de substâncias psicoativas baseado em textos de Freud e Lacan e suas hipóteses, que seriam desestabilização do aparelho psíquico e invasão pulsional.

O problema clínico que se busca entender à luz da psicanálise é o porquê da pulsão se manifestar no sujeito através da procura da substância e não por um sintoma. Lima (2014) afirma que Freud sustentou a presença da pulsão sexual na base das adições na Carta 79 (1897/1976), citando a dipsomania, a paixão pelo jogo e a morfinomania e que propôs que as adições seriam substituições à adição primária, a masturbação, de onde outros vícios como o álcool e o tabaco sucederiam, em Freud (1896/1976). A masturbação seria autoerótica, haveria o recalque e a fusão do autoerotismo à fantasia e a formação do sintoma. Na drogadição o que se liga ao autoerotismo é a adição e não a fantasia que formaria o sintoma.

Lima (2014) também comenta que Lacan (1975) complementaria os dizeres de Freud em “O mal-estar na civilização” (1930), ao declarar que a drogadição seria uma fixação na satisfação autoerótica, afirmando que o recurso à substância permitiria um curto-circuito do gozo fálico e, conseqüentemente, uma economia para o sujeito dos possíveis impasses referentes à sua eclosão onde o recurso à droga ocorreria no ponto em que ocorre a invasão da pulsão no corpo.

Nas neuroses, a hipótese sobre o recurso à substância, como ruptura com o gozo fálico, indica a possibilidade de ocorrência de uma suspensão conjuntural com o gozo fálico no campo das neuroses devido à fragilização da ação do Nome-do-Pai na regulação pulsional, enquanto na psicose, a ruptura com o gozo fálico se instala por meio da forclusão do Nome-do-Pai.

Para Lisita & Rosa (2011), na neurose, a ruptura com o gozo fálico leva a um consumo da droga sem limites ou significação, enquanto na psicose a droga tem a função específica de tratar o gozo sem significação que invade o sujeito, numa tentativa de restituir certo lugar ao outro e a realidade.

Na psicanálise pergunta-se menos da substância e mais da relação do sujeito com a substância (Lisita & Rosa, 2011). Por isso a importância de determinar o

ponto de desestabilização sintomática da estrutura neurótica, ou psicótica, para que o tratamento seja orientado pela estrutura e não pelo valor patológico da substância em si (Lima, 2014).

Conclusão

O estudo da drogadição sob a luz da psicanálise, vinculado a estrutura do paciente, neurótico ou psicótico, permite um tratamento mais direcionado e eficaz.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund (1897). **Carta 79**. In: Sigmund Freud obras completas. Vol I. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1977.

FREUD, Sigmund (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1980.

LACAN, Jacques Marie Émile (1975). **Intervenção no encerramento da Jornada de Cartéis na Escola Freudiana de Paris. Documentos para uma Escola**. Rio de Janeiro, Publicação Interna da Escola de Letra Freudiana, v.0.

LIMA, Cláudia Henshel. **Investigação psicanalítica dos determinantes psíquicos do consumo abusivo de substâncias psicoativas**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. (São Paulo), 17 (1), 39-50, 2014.

LISITA, Helena Greco; ROSA, Márcia Maria Vieira. **Os usos que o psicótico faz da droga**. Psicol. rev. (Belo Horizonte), 17(2), 261-277, 2011.

MENDONÇA, Júlia Reis da Silva. **A droga como um recurso ao mal estar da civilização**. Psicol. rev. (Belo Horizonte), 17(2), 240-260, 2011.

NADVORNY, Bóris. **Freud e as dependências: drogas, jogo, obesidade**. Porto Alegre: AGE, 2006. 198p.